



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 13 | Nº. 24 | Jan./Jun. de 2021

Reinaldo Forte Carvalho

Universidade de Pernambuco / UPE – Campus Petrolina
reinaldoforte@uahoo.br

“ALMANAQUE JUÍZO DO ANO”: natureza, ciência e magia no Juazeiro do Norte/CE (1961-1996).

RESUMO

Este artigo analisa o “Almanaque Juízo do Ano”, publicado pela Casa dos Horóscopos de propriedade do cordelista e astrólogo Manoel Caboclo e Silva, de 1960 a 1996 na cidade de Juazeiro do Norte. Nesse almanaque a ciência astrológica foi difundida por meio desse folhetos popular que se voltava para informar o homem do campo sobre as previsões do tempo e estações do ano, constituindo-se como parte da cultura do povo sertanejo a partir das previsões futurísticas de Manoel Caboclo que como um profeta do tempo concebia o futuro através de sua ciência astrológica, construindo uma visão de mundo que era permeada por elementos da natureza, ciência e magia.

Palavras-chave: Almanaque. Natureza. Ciência.

"ALMANAQUE JUDGMENT OF THE YEAR": nature, science and magic in Juazeiro do Norte/CE (1961-1996).

ABSTRACT

This article analyses “The Judgement of the Year Almanac” published by the House of Horoscopes, property of the cordelist and astrologist Manoel Caboclo and Silva, from 1960 to 1996 in the city of Juazeiro do Norte. In this Almanac, the science of astrology was widespread through these popular leaflets that aimed on informing the farmers about the weather forecasts and seasons of the year, becoming a part of the culture of sertanejo people (country people from the semi-arid) through the future predictions of Manoel Caboclo who as a prophet of time and who conceived the future through his astrological science, building a vision of the world that was surrounded by natural elements, science and magic

Keywords: Almanac. Nature and science.

Introdução

A produção da literatura de folhetos populares no Juazeiro do Norte foi bastante expressiva no cenário nordestino não só devido à inserção de algumas gráficas que passaram a surgir na cidade por volta da década de cinquenta, mas também pelo surgimento de novos poetas e cordelista que passaram a produzir um leque variado de temáticas para o cordel. Estes novos artesãos dos versos ficaram conhecidos devido às várias formas do fazer poético presente em suas obras.

Estes personagens passaram a produzir um tipo de literatura que traz elementos significativos do cotidiano sócio-cultural da urbanidade da cidade de Juazeiro a partir do processo de construção das narrativas que envolviam o imaginário religioso, e de eventos pitorescos que aconteciam na cidade. Em grande parte, a produção destes poetas era definida a partir da escolha de suas temáticas que tinham como base o teor das diversas circunstâncias que cercam o cotidiano urbano e rural da sociedade moderna.

Em meio a esse processo de produção da literatura de folhetos que se pautava na publicação dos folhetos de cordel, passou a se produzir outro tipo de literatura que tinha uma proposta diferenciada dentro desse contexto que era a publicação dos almanaques astrológicos. Diante disso, nosso objetivo principal é compreender como a ciência astrológica passou a ser difundida através deste almanaque. Para isso, procuramos entender como o “Almanaque Juízo do Ano para o Nordeste” era produzido por Manoel Caboclo, buscando entender como esse profeta do tempo concebia o passado e o futuro através do estudo da ciência astrológica, e assim, construía uma visão de mundo que era permeada por elementos da natureza, da ciência e da magia presentes na cultura popular. Segundo Rosilene Melo (2003, p. 122), esses almanaques passaram a introduzir e “reunir num só livro os conhecimentos mais importantes da época nos campos da matemática e da astrologia”.

Portanto, diante disto, analisa-se como a produção dessa literatura de folhetos populares que se voltava para informar o homem do campo sobre as previsões do tempo e das estações do ano passou a se constituir como parte integrante da cultura do povo sertanejo.

A produção do almanaque astrológicos no Juazeiro do Norte

Os almanaques passaram a ser produzidos na cidade do Juazeiro a partir do ano de 1950, quando João Ferreira de Lima conheceu José Bernardo da Silva

proprietário da Tipografia São Francisco. O contato entre os dois foi fortalecido ainda mais pelo interesse mútuo das ciências ocultas que os aproximou ainda mais, este contato também foi o pontapé inicial para uma série de transações comerciais entre os dois. Pois, a partir desse momento, a tipografia de José Bernardo da Silva passou a produzir o Almanaque de Pernambuco de autoria de João Ferreira de Lima. O Almanaque de Pernambuco era uma publicação anual editada desde 1935, que apresentava previsões de chuvas, secas, calendários e orientações de uma medicina alternativa que circulava entre os agricultores do sertão nordestino. Este gênero de literatura passou ser muito bem aceito pelo homem do campo, pois traz informações necessárias ao trabalho e sobrevivência do mesmo.

A boa aceitação dos almanaques pelos agricultores é devido ao teor das informações contidas nos mesmos, que procura orientar o homem do campo com conselhos e previsões, informando-os sobre os cuidados com a saúde, como combater as pestes e a fome, como também de indicações astrológicas para o ano em curso.

A produção dos almanaques remonta à Europa do século XVII, onde tinha um teor informativo e de orientação para a população do campo. No Brasil os almanaques passaram a ser publicados a partir do século XVIII, e se voltam para uma diversidade de assuntos e temáticas que correspondiam às expectativas de cada público que objetivava atingir. No século XIX, passam a ser publicados em meio ao processo de inserção da imprensa ganhando bastante notoriedade. No bojo destas publicações de natureza mais administrativa vai surgir a publicação de um gênero de caráter mais popular dos almanaques, conhecido como Almanques de Feira ou Folhinhas de Inverno. Estes pequenos folhetos voltam-se com mais intensidade para orientar o agricultor a respeito das épocas propícias ao plantio e à colheita, as ocorrências de secas e inundações. Estes almanaques também trazem seções de orientações sobre diversas composições de chás de ervas naturais indicados no combate às doenças, bem como propaganda de diversos tipos de remédios, talismãs, anéis e toda sorte de amuletos (MELO, 2003).

Para Jacques Le Goff (1994), os almanaques constituem uma categoria multifacetada dos saberes populares de uma determinada cultura que passam a ser publicados por uma produção literária que se dirige para informar um público limitado à arte da leitura e da escrita. Segundo Le Goff (1994, p. 527), esta literatura se caracteriza por fazer uma amostragem pertencente às práticas da cultura popular, pois, os mesmos são “ilustrados com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco”.

Segundo Le Goff, os almanaques oferecem um saber ilimitado da cultura do povo, pois reúne uma quantidade variada de informações sobre os mais diversos assuntos pertencentes ao cotidiano dessas sociedades.

Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos e anedóticos; utilitários, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e finalmente, astrológico (LE GOFF, 1994, p. 527).

Os almanaques trazem informações necessárias à prática cotidiana do indivíduo que é desprovido de um conhecimento cientificamente aprofundado sobre determinados assuntos, principalmente os de ordem técnicas como os relacionados aos estudos das estações do ano. Segundo Rosilene Alves Melo (2003, p. 121), os almanaques eram publicações anuais que “apresentavam previsões de chuvas e de secas, as épocas mais propícias ao plantio e a colheita, informações sobre as doenças e o uso das plantas medicinais para curá-las. Além disto, os almanaques trazem o calendário anual, as datas comemorativas, orações, os santos de cada dia, eclipses e anedotas”.

A produção dos almanaques astrológicos na cidade do Juazeiro nos mostra que era comum a manifestação de outras práticas religiosas, e que as mesmas não se limitavam simplesmente à fé católica, e a devoção ao Padre Cícero. Estas práticas heterodoxas da religiosidade popular grassavam as margens da cultura oficializada em contrapartida as tentativas de controle por parte da igreja. É possível afirmar que sob o véu das crenças e práticas da fé católica, se oculta uma diversidade de práticas que se expressam dentro de um sincretismo religioso amalgamado ao catolicismo.

Em meio a esse contexto que envolve as práticas da religiosidade católica e popular, e a produção da literatura de folhetos, foi surgindo aos poucos uma pequena produção de almanaques astrológicos que foi ganhando uma expressividade a mais dentro do mercado editorial da cidade de Juazeiro do Norte. Como dissemos inicialmente, estes almanaques passaram a ser produzido pela Tipografia São Francisco de José Bernardo da Silva na década de cinqüenta por encomenda do poeta e astrólogo pernambucano João Ferreira de Lima, que passou a publicar o Almanaque de Pernambuco.

Com a publicação do Almanaque de Pernambuco, José Bernardo da Silva passou a definir a partir desse novo gênero literário, um tipo de público mais específico para a produção de folhetos populares na cidade de Juazeiro do Norte.

A produção de almanaques passou a cada encomenda, ser produzido em grande escala pela Tipografia São Francisco que passava a dominar um novo filão dentro do mercado editorial. Em meio a esse processo de produção dos almanaques astrológicos, foi se constituindo um público específico que se voltava para esse tipo de leitura popular. Outra questão sobre esse processo, é que aos poucos também foi se constituindo admiradores e estudiosos da ciência astrológica na cidade de Juazeiro. Um desses principais estudiosos passou a ser Manoel Caboclo e Silva funcionário de José Bernardo que passou a ter interesse pelas previsões da ciência astrológica.

Segundo Gilmar de Carvalho (2000, p. 34) Caboclo tornou-se um especialista quando uniu a arte da escrita poética às suas previsões astrológicas. Caboclo fazia uma leitura de seu mundo com base nos elementos teóricos do saber astrológico, que aos poucos foi se fundindo a uma experiência que se voltava totalmente para o compromisso com a cultura do homem do campo.

Para Gilmar de Carvalho, os elementos da natureza, da ciência e da magia se mesclam na escrita dos almanaques através dos saberes tradicionais da cultura sertaneja que permeavam o imaginário de Manoel Caboclo.

Interprete dos sonhos do sertão, guardião de uma memória que não pode se perder, porta-voz dos que fazem seu impulso de vida, Caboclo reinventou para nós o mundo da cultura, com o som dolente de sua litania de oráculo, o correr da pena do poeta de bancada e o matraquear de suas velhas máquinas que ecoarão para todo o sempre por este sertão a dentro (CARVALHO, 2000, p. 34).

A trajetória de Manoel Caboclo no estudo da ciência astrológica tem seu início quando ainda era funcionário da Tipografia São Francisco. Nesse período teve seu primeiro contato com João Ferreira de Lima, quando o mesmo passou a produzir seu almanaque na Tipografia São Francisco. A partir de então passou a se constituir os primeiros passos de uma sociedade que os uniria no final da década de cinquenta, no processo de produção dos almanaques astrológicos na cidade de Juazeiro.

A amizade com João Ferreira de Lima rendeu bons frutos para Manoel Caboclo no que concerne ao estudo dos astros e na publicação de seus almanaques. Esta aproximação com João Ferreira projetou Caboclo para dentro do estudo da ciência e da magia astrológica. Aos poucos Manoel Caboclo foi se aprofundando na literatura de

cunho esotérico, e assim, constituindo um saber e uma prática do fazer astrológico tipicamente seu.

Segundo Gilmar de Carvalho (2000, p. 34), essa prática é bem definida em relação ao seu lado profético que era chancelado pela sua escrita como uma referência na compreensão das “tessituras de mundo pessoal que apontava para o amanhã, onde planetas seriam responsáveis por chuvas abundantes, ou verões tórridos, pela fartura ou pela miséria”. Caboclo fazia as tessituras de mundo pessoal a partir das leituras míticas que absorvia da astrologia a uma prática do fazer cotidiano. Este fazer cotidiano era evidenciado no compromisso que Caboclo tinha com o lado esotérico que o rodeava, que o revestia de uma aura de cientificidade que fora adquirida ao longo de um profundo aperfeiçoamento da literatura astrológica.

No final da década seguinte Manoel Caboclo sai da Tipografia de São Francisco, e passou a aceitar a encomenda de horóscopos e parte para a mais arrojada iniciativa literária que é publicar seu próprio almanaque, com o lançamento da “Folha do Ano”. Este lançamento seria o embrião do almanaque intitulado “Juízo do Ano”, editado pela Casa dos Horóscopos de sua propriedade no ano de 1960, e que o mesmo manteve em circulação ininterrupta até 1996.

Casa dos Horóscopos: caboclo e os astros.

A produção poética de Manoel Caboclo foi se constituindo ao longo do tempo dentro de um processo de autonomia editorial que poucos poetas na cidade de Juazeiro possuíam. Caboclo não só era um poeta que adquiriu um cabedal na arte de fazer poesia como também conhecia os segredos da editoração, no entanto faltava-lhe o tino comercial para distribuir sua arte poética.

Entretanto, os segredos que Manoel Caboclo adquiriu no processo de editoração herdado do tempo que trabalhou na Tipografia São Francisco foram de muita valia para o mesmo quando passou a produzir seus próprios poemas. Pois a experiência adquirida ao longo dos doze anos na Tipografia São Francisco, possibilitou que o mesmo acumulasse um vasto conhecimento no trabalho tipográfico, que quando de sua saída da mesma resultou na parceria comercial com o editor pernambucano João Ferreira Lima.

A sociedade comercial com Ferreira Lima seria desfeita no final da década de cinquenta. A ruptura comercial fora anunciada na publicação do Almanaque de

Pernambuco para o ano de 1961, que trazia a seguinte nota “estou desligado de toda sociedade com o Sr. Manoel Caboclo” (CARVALHO, 2008, p. 100).

Com a dissolução da parceria comercial entre os dois, Manoel Caboclo passa a receber pedidos de consultas, horóscopo e almanaques na sua própria casa. Caboclo ficou com parte do maquinário que foram transferidos para sua residência, e a partir de então, Manoel Caboclo passa a produzir seu próprio almanaque, proporcionando assim, a abertura de sua própria gráfica no ano de 1966. Caboclo narra da seguinte forma este relato:

Para mim mesmo? 1966.

Comprei a João Ferreira de Lima, quando nós nos separamos eu comprei a parte dele aí fiquei com a tipografiazinha mas não pude nem sequer aumentar, de maneira nenhuma minhas condições não deu pra aumentar.

Ainda não, tudo dos outros, só vim lançar depois.

Eu comecei a editar livros de... Agora estou editando de Joaquim Batista de Sena porque eu comprei os direitos a ele...

Está com uns três anos que eu comprei os direitos dele, ele tinha um bocado de romance, não vendeu tudo mas vendeu uma parte e eu comprei partes originais, estava já há mais de dez anos sem escrever, os originais bons, aí eu comprei os originais e estou escrevendo (DEPOIMENTO DE MANOEL CABOCLO..., 1970).

Com a sua inserção no mercado editorial, Caboclo passou a competir pelo filão da produção poética ao lado de José Bernardo da Silva, editando e comercializando diretamente com outros poetas e cordelistas da cidade do Juazeiro e da região.

Eu editei livros de João Cordeiro, eu editei livros de João de Cristo Rei...

Já, era porque eles faziam os livros e traziam, outros me venderam os direitos, outros me davam mesmo e eu escrevia, contando que eu tenho originais bastante meu e de outras pessoas que adquirir.

João de Cristo Rei, sempre foram os que eu escrevi mais foram esses dois. Agora, outros eu escrevo mas eu não tomo parte nele, eu escrevo muito livro, folheto, mas não tomo parte porque digamos que o senhor é o poeta, chega e diz: “por quanto o senhor faz esse livro?” Eu ajusto em trezentos, quatrocentos, quinhentos conto, pronto, ajustei, botei na máquina, tirei, entreguei pro senhor, é o autor e tudo foi o senhor; isso aí eu não falo, eu falo aqueles de quem eu faço comércio com eles (DEPOIMENTO DE MANOEL CABOCLO..., 1970).

Com a abertura da gráfica, Caboclo passou a produzir alguns trabalhos de sua autoria e a comprar os direitos autorais de outros autores, procurando assim diversificar a produção de sua editoração.

No entanto, dentro do universo de produção das tipografias não se produzia somente folhetos de cordel, havia toda uma diversidade de publicações para todos os tipos de gosto literários. Um desses gêneros que passou a ser bastante produzido dentro das tipografias foram os almanaques astrológicos que tinham uma tiragem bastante expressiva devido à especificidade de seu público alvo, que era em geral o homem do

campo. Estas publicações constituíam um importante material que sistematizava a divulgação de saberes e práticas culturais pertencentes ao povo sertanejo.

A larga experiência acumulada no trabalho gráfico e um profundo conhecimento na leitura da ciência astrológica, ligada a uma criatividade especial, fez com que Manoel Caboclo voltasse sua produção poética para a escrita dos almanaques e horóscopos astrológicos que durante um longo período passou a ser o carro chefe de sua atividade econômica e de estudo pessoal.

O interesse de Manoel Caboclo pela astrologia nasceu inicialmente através do convívio com o poeta e astrólogo pernambucano João Ferreira de Lima (1902-1972), que sempre viajava a Juazeiro para encomendar a confecção de seus folhetos na Tipografia São Francisco de propriedade de José Bernardo da Silva.

A influência de João Ferreira foi de suma importância para a inserção de Manoel Caboclo no universo da literatura ocultista como o Livro de São Cipriano, Lunário Perpétuo entre outros. A utilização da literatura ocultista, e a visão de mundo impregnada por imaginário religioso na pessoa do Padre Cícero, é apropriada por Manoel Caboclo através de uma hermenêutica do cotidiano que o transforma em um dos principais representantes da produção de almanaques astrológicos no nordeste brasileiro.

No roteiro de suas leituras, Caboclo percorria uma infinidade de temas presentes nos compêndios esgotados das editoras esotéricas que faziam parte de sua biblioteca pessoal, como: “*A leitura do nosso destino pelas estrelas compiladas das ciências ocultas*” de Sellen Jazer; “*A sorte revelada pelo horóscopo cabalístico*” de Francisco Valdomiro Lorenz; o “*Manual de astrologia e numerologia – Grandes revelações sobre os mistérios do destino*” de Rubens Peiruque; “*O maravilhoso mundo dos sonhos*” de Silvano Ventura; e inúmeras edições do “*Almanaque do pensamento*” e “*O romance da astrologia*” de Omar Cardoso (CARVALHO, 2000, p. 34).

Segundo Gilmar de Carvalho, experiência gráfica adquirida ao longo do período que trabalhou ao lado de José Bernardo da Silva (2000, p. 33), na produção e confecção dos folhetos de cordel, juntamente com as orientações sobre a astrologia com José Ferreira de Lima, qualificou Manoel Caboclo como um especialista que soube como ninguém “fundir oralidade e escrita, ciência e magia, passado e futuro na trama de um texto tão rico quanto as experiências que ele acumulou”.

Gilmar de Carvalho (200) expõe que a produção dos almanaques astrológicos vai alargar a hermenêutica do cotidiano e a visão de mundo que rodeia o imaginário

poético de Manoel Caboclo e Silva. Para o autor, os almanaques astrológicos produzidos por Manoel Caboclo estão interligados com os vários elementos da natureza.

O arcano solar poderia trazer um grande amor, com a fugacidade de uma estrela cadente nos céus de Juazeiro. Ou uma perda irreparável que poderia ser carpida com o luto que cobre todo dia 20 os devotos do padre Cícero. Os astros eram para Caboclo uma maneira poética e cifrada de ler este vasto mundo, desafiador e imprevisível (CARVALHO, 2000, p. 31).

Essa maneira poética e cifrada de ler o vasto mundo dos astros e dos homens faz com que Caboclo se transforme em um profundo conhecedor da ciência astrológica, passando a produzir na cidade de Juazeiro o mais importante almanaque astrológico que fora publicado por ele por mais de quatro décadas. Seus primeiros exemplares foram produzidos e publicados no ano de 1950. Segundo o relato de Manoel Caboclo, tudo começou quando ele mesmo confeccionava e distribuía gratuitamente os horóscopos, às vezes recebendo alguns trocados pela produção dos folhetos, diz ele:

O primeiro horóscopo que eu fiz foi em 1950. Eu fazia horóscopo grátis, fazia pra todo mundo, você chegasse pedia, quando tinha tempo, fazia e dava a pessoa o horóscopo, aí a pessoa às vezes me dava um agrado, um agradinho qualquer, cinco cruzeiro, dez cruzeiro, outros num me dava nada, e aquilo eu fazia só pra comprovar se aquilo estava dando certo, aí depois eu comecei a estudar com João Ferreira de Lima, tive também muitas comunhões com o professor Benevides e a depois com o professor Rubens, parece que foi o professor Rubens, também era astrólogo, e eu já tinha alguns conhecimento dado pelo padre Augusto, dado também por doutor Diniz, que eu toda vida fui chegado aos homens de letras, eu toda vida gostei de tirar. Então as experiências eu venho tirando com o tempo, com a passagem dos astros, eu tiro a experiência num ano (DEPOIMENTO DE MANOEL CABOCLO..., 1970).

Sobre a produção dos almanaques Manoel Caboclo diz que os primeiros eram produzidos em parceria com Manoel Luis e João Ferreira no início da década de sessenta. No entanto, devido uma pequena desavença com os parceiros deixou de escrevê-los, só retornando a sua confecção no ano de 1970, onde os almanaques traziam agora um novo formato, um pouco maior e com pequenos textos que traziam palavras de incentivo e motivação para o homem do campo.

Eu fiz um almanaque em 1961, foi o primeiro, fiz em sessenta e um... foi editado por mim. Esse eu editei ele.

Foi não, foi a minha mesmo. Eu fazendo os folheto, aí fiz o Almanaque, aí fiz no outro ano, fiz um milheiro, no outro ano eu fiz; aí eu tinha amizade com Manoel Luis, eu fazia o almanaque de Manoel Luis. Aí eu notei... nesse tempo eu ainda fazia de João Ferreira e de Manoel Luis, eu escrevia os deles, o nome deles. Aí eu notei que houve um desgosto porque eu estava querendo escrever, eles acharam que eu queria tomar uma frente, uma coisa qualquer, eu sendo amigos deles fazia o mesmo artigo, aí eu mudei pra literatura de cordel e deixei o Almanaque pra João Ferreira de Lima e pra o outro; todos dois era meus amigos, eu era quem fazia, eles me davam lucro; aí eu abri de mão pra eles e parei com

a minha tiragem de Almanaque, fiquei tirando um milheiro, outras vez tinha anos que eu não tirava, então quando foi em 1969 aí eu tirei 1968, sessenta e nove e vinha tirando, variando, ano variado, tirava pouquinho só pra incentivar o pessoal. Agora em 1970 pra cá eu entrei em cheio porque eu me separei de João Ferreira de Lima, fiquei só com Manoel Luis, o Almanaque de Manoel Luis era pequenininho, muito pequeno, aí eu entendi de fazer o almanaquezinho maior e venho fazendo; num é nem pelas pré-edições, eu faço o Almanaque porque tem muita coisinha que incentiva ao analfabeto, incentiva a pessoa, eu dou aqueles exemplos, como bem “A raposa pagando imposto”, como “Este mundo é mesmo assim”, explico a literatura de cordel, explico uma coisa e outra, dou sempre um exemplo, uma lição de moral, e aquilo que eu venho fazendo no meu almanaque, ele é mais dedicado a isto (DEPOIMENTO DE MANOEL CABOCLO..., 1970).

Em depoimento ao projeto Manoel Caboclo relata como o estudo e os cálculos da astrologia são importantes, e como os astros são reveladores na compreensão do momento histórico por qual passa as sociedades humanas, diz ele:

Getúlio Vargas morreu a 24 de agosto, o presidente Jânio Quadros deixou o mandado a 24 de agosto, o presidente Costa e Silva foi acometido de doença grave a 29 de agosto e falecendo depois, o governador de Pernambuco Agamenon Magalhães morreu no mês de agosto, o presidente Castelo Branco morreu a 18 de julho na influencia da estrela Ciro, morre a 23 de agosto o ex-presidente Juscelino Kubtschek, pai da pobreza de 1968; isto nos prova que os astros movem os homens, cada um na sua direção ou na sua profissão, portanto sempre o mês de agosto é dedicado ao desgosto para o parlamento, isto são causas astrológicas, são coisas específicas que eu faço dentro da astrologia; então, assim como eu dou os presságios para uma determinada classe, podemos dar com muito mais facilidade para uma pessoa só; então no mês de agosto, o mês de agosto forma uma conjunção do sol com as caniculares, o sol do mês de agosto se acha no signo de leão e ele quando se aproxima antes ele vai recebendo logo antes ele vai recebendo influência sessenta dias e sessenta dias depois ele ainda está influenciando, mesmo que ele não esteja no poder mas tá influenciando, então quando o sol faz conjunção com a estrela Ciro, justamente as caniculares da 22 a 23 de julho, então nessa época é quando os presidentes correm aquele certo desgosto, tem um desgosto por uma coisa qualquer. É isto, isso é uma das provas de astrologias. Outras como os senhores verem, eu escrevo o Almanaque e gosto de dar sempre aquele segmento. Eu não disse que em 1977 era seca, nem setenta e seis, eu estou dizendo que são anos medianos mas disse no Almanaque de 1975, página 16 que de 1975 a setenta e oito os astros (?) transitando no signo do ferro e do fogo, que traziam secas em algumas partes, traziam terremoto, tremores de terra e coisas espantosas na vida da humanidade mundial. Então por causa esses são cálculos de astrologia (DEPOIMENTO DE MANOEL CABOCLO..., 1970).

Na análise da poética de Manoel Caboclo traçamos um duplo paralelo o que passa a serem produzido com base nos fatos e acontecimentos do contexto histórico, e referentes a uma composição poética de circunstância, os mesmos são produzidos a partir de uma perspectiva ligada as notícias do momento histórico vivido, principalmente em relação às questões que envolvem os problemas climáticos.

Sua poesia está intimamente ligada não só aos problemas da natureza que esta condicionada a uma leitura com base na astrologia, como também de uma visão do cotidiano das catástrofes que mostram o desequilíbrio climático devido à ação do ser

humano. A percepção dos problemas climáticos está profundamente relacionada às previsões bíblicas apocalípticas presente em sua poética.

Almanaque Juízo do Ano: científico e popular.

O almanaque Juízo do Ano, foi editado a partir de 1960 até 1996, é a principal referência a produção desse tipo de literatura que passou a ser publicada anualmente pela Casa dos Horóscopos de propriedade de Manoel Caboclo na cidade de Juazeiro do Norte.

Segundo Reinaldo Carvalho (2008, p. 105), este almanaque assim como grande parte deste tipo de literatura traz em si informações características das várias formas de fazer do cotidiano do homem do campo. Para o autor os “almanaques constituem um tipo de literatura bastante simplificada, voltada especificamente para uma clientela bastante popular, apresentando algumas características únicas em sua formatação”.

Em relação ao almanaque “Juízo do Ano” editado por Manoel Caboclo, apresenta na capa um pequeno calendário com imagens figuras e signos, ou de astros e luminares, o ano de lançamento e uma poesia que sempre inicia com as letras da palavra Nordeste, e na parte inferior sempre finaliza com a identificação de “científico e popular – M. C. e Silva”.

No seu almanaque para o ano de 1970, Manoel Caboclo faz suas previsões com um teor bastante crítico em relação à realidade do homem pobre. Como em todos os seus almanaques Caboclo sempre forma um acróstico com a palavra Nordeste na capa de seu folheto, no folheto do ano em questão, Manoel Caboclo mostra sua preocupação com a desigualdade social que os problemas climáticos poderiam trazer para o homem pobre.

No Litoral, no agreste ou no sertão
O inverno mediano já nos traz
Relâmpagos e chuvas desiguais,
Dando lucros a uns, a outros não
É feliz quem cuidar da plantação,
Sol e Júpiter governando traz enredo:
Todo rico sofrendo muito medo
E o pobre passando precisão (CARVALHO, 1970, s/p).

As previsões astrais de Manoel Caboclo para o ano de 1970, nos dá uma amostragem que as projeções climáticas estavam desfavoráveis para colheitas, pois o período invernososo seria mediano e com chuvas desiguais em todas as regiões do

Nordeste, e que este ano seria de grandes dificuldades tanto para o rico, como também para o pobre.

Procurando ter uma compreensão melhor sobre as premissões astrais, passamos a buscar nos jornais da região o que os mesmos diziam sobre as previsões climáticas do tempo neste ano. Os relatos encontrados no jornal a “Ação” sobre as previsões climáticas do ano de 1970, mostram que em todo o período deste ano as chuvas eram esparsas, oscilando no início com algumas precipitações de janeiro a março. No entanto a partir de abril, é comum encontrar vários artigos sobre a preocupação das autoridades da região com a possível calamidade que o flagelo das secas pode causar no Cariri. A calamidade climática passou a ser um assunto que está registrado em quase todos os exemplares do jornal “Ação” deste do ano de 1970. Diante disto, estes registros nos mostram que este ano se configurou um longo período de estiagem na “região do Cariri bem assim o Ceará inteiro estão preocupados com a presente falta de chuvas que vem prejudicando a lavoura, causando grande prejuízo aos agricultores e apreensão à zona rural, com suas plantações morrendo e danificadas pela lagarta” (DEPOIMENTO DE MANOEL CABOCLO..., 1970).

Na edição do dia 28 de fevereiro o artigo do jornal relata a possibilidade de chuvas, e a esperança em se ter um bom inverno no Cariri devido algumas precipitações que caíram na região. No entanto o mesmo artigo também nos mostra o relato de ocorrência de saque na cidade de Campo Sales pelos flagelados da seca.

Após uma longa estiagem que vinha preocupando a zona do Cariri e o Estado inteiro, voltou a chover em nossa região, na noite de quinta-feira, atingindo 45 milímetros em Crato e até quando encerrávamos nossos expedientes, o tempo era promissor. Tivemos notícias de chuvas em cidades vizinhas, o que vem amenizar parcialmente a grave situação com ameaça de seca, ao ponto de em Campos Sales ter havido invasão da feira por 500 flagelados, no dia 23 deste, não havendo, porém, maiores consequências (AÇÃO, 1970a, p. 1).

Como podemos perceber no acróstico do almanaque de Manoel Caboclo para o ano de 1970, fazia previsões de um ano com um inverno mediano com chuvas esparsas caracterizando um período de grande apreensão em relação a um bom inverno. Segundo a previsão de Caboclo, o ano de 70 é regido pela confluência de Sol e Júpiter, que de acordo com ciência astrológica trazem bastante preocupação em relação à produção de gêneros alimentícios e conseqüentemente a sobrevivência do ser humano.

Em outra edição, o jornal relata da invasão dos flagelados das secas na cidade de Juazeiro do Norte, reivindicando aos governantes as frentes de trabalho tão comum nesse período, e que ficou conhecida como a “Indústria da Seca”.

O comércio a indústria e os estabelecimentos bancários foram fechados, ontem, em Juazeiro do Norte sob ameaça de invasão por grupos de flagelados que perambulavam pelas ruas da cidade, reivindicando frentes de trabalho. Na última quinta-feira, os lavradores estiveram em frente à Prefeitura Municipal, com o mesmo objetivo. As autoridades policiais do Crato e Juazeiro do Norte montaram um forte esquema de segurança para evitar um possível saque ao comércio (AÇÃO, 1970b, p. 1).

Segundo as duas últimas estrofes do acróstico, Caboclo prevê um período de tensão e medo do saque por parte daqueles que representam o poder financeiro, e a necessidade e fome do povo pobre. As notícias do jornal são incisivas no registro de um ano com um inverno bastante irregular e de poucas chuvas, que justifica a condição de um período de calamidade climática assolado pela seca que causou fome, miséria e êxodo do povo pobre que já é castigado naturalmente pela desigualdade social.

As previsões de Caboclo para o ano de 1970 são assim vaticinadas dentro dessa perspectiva de compreensão do contexto histórico contidos nos registros do jornal a Ação, que faz uma projeção sobre os fatores climáticos da natureza neste período.

Em um dos exemplares do almanaque “O Juízo do Ano para o Nordeste” editado no ano de 1972, Manoel Caboclo mostra a sua habilidade com a ciência dos astros. Este folheto foi editado com dezesseis folhas, na sua composição textual traz várias seções, como as previsões astrológicas e do tempo para o ano de 1972, o horóscopo, curiosidades, saúde, Padre Cícero entre outros.

No almanaque publicado para o ano de 1972, Manoel Caboclo faz na sua poesia de capa, suas previsões para um ano bissexto, prevenindo a todos por cautela no plantio por ser um período de trovões, enchentes, e chuvas variadas, vejamos:

NORDESTE, a Terra é tão bela
O teu povo trabalhando
Regando a terra e plantando
Deus abençoando ela
E sedo debes tratar dela
Seja baixio ou chapada
Trovões, enchentes, chuvas variadas
Em ano bissexto, precisa cautela (AÇÃO, 1970c, p. 4).

A poesia de Manoel Caboclo está permeada pelos elementos da natureza, da relação do homem com a terra e de uma aureola mística da ciência astrológica. No almanaque de 1972, Manoel Caboclo inicia fazendo a descrição do mapa astral desse período dizendo que o “ano de 1972 entra num dia de sábado. É bissexto; seus planetas são: Saturno e o Sol, Mercúrio é o regente no vigésimo oitavo ano do ciclo lunar. A lua minguando em Câncer” (SILVA, 1972, s/p).

Segundo Manoel Caboclo o ano que entra neste dia, terá um inverno cumprindo, friorento com chuvas variadas, e em parte seco. Na primavera denota ventos. No estio umidade. No outono seco e frio, úmido, estéril de mantimentos, penúria de trigo, pouco azeite, mel e vinho; abundância de frutas e pouco peixe.

Para Manoel Caboclo as previsões astrais para o clima e as estações do ano de 1972, mostram um período de sérias consequências para agricultura, que produziram pouco neste ano. Caboclo continua suas previsões para este ano bissexto com um teor bastante pessimista, dizendo que este seria um período muito difícil para todos, principalmente no que diz respeito à saúde do povo, vejamos:

Denota febres epidêmicas, doenças dos olhos, reumatismos, muitos acidentes. Muitos velhos acabaram seus dias no dito ano. Traz mortandade no gado miúdo, ovelhas e criações pequenas. Cairão casas velhas, haverá falência, carestia nos mantimentos. Plantem sedo aproveitando as chuvas que caírem de dezembro à março do ano seguinte. O inverno mostra entrar variado, depois vai melhorando com chuvas mais agradáveis, procurem os terrenos férteis. Quem for ativo terá lucros compensadores. Também mostra enchentes em algumas partes e estiagens em outras (SILVA, 1972, s/p).

Para o ano de 1974, as previsões não são muito animadoras, no acróstico que Caboclo faz em seu almanaque, prever que este período haverá muitas trovoadas, doenças e agonias. Para Caboclo este ano será marcado por outro grande flagelo climático, que são as enchentes. No acróstico do almanaque de 1974, Caboclo, profetiza que:

NORDESTE, o autor da Criação
O Deus que me deu entendimento
Relativo aos astros no firmamento
Do inverno vou dar a predição:
Estejam todos a cuidar da plantação
Safrá média, doença e agonia
Trovoadas, tempo vário e carestia
Emburaca da praia ao sertão (SILVA, 1972, s/p).

Segundo Caboclo, este ano entra numa terça-feira, é regido por Marte e Saturno, que de acordo com o astrólogo são dois planetas maléficis e inimigos da natureza humana, e que esses dois astros sempre predizem calamidades, incêndios, roubos e perigos. Para Caboclo, o planeta Marte é o principal astro que influência a natureza a essa agitação, pois Marte entra no trigésimo ano do ciclo lunar, tem seu acento no quinto céu, sua cor é avermelhada, é positivo, elétrico e tem domínio sobre o ferro e o fogo. É o planeta que mais se assemelha com a Terra, devido sua estrutura geográfica. De acordo com Caboclo, este planeta é a causa que resolve os ventos, causa tempestades,

chuvas de pedras, escuridão, ora calor e ora frio, terremotos em algumas partes do mundo. Caboclo também prever que:

O ano que entra numa terça-feira, o inverno será muito frio, escuro, chuvoso e com muitas neves; a primavera úmida; o estio quente; o outono seco. No mar haverá tempestades, naufrágios e infortúnios. No dito ano, haverá muita carestia de trigo e mantimentos, embora prometa haver safra. O mel o azeite e as frutas serão medianas. O Gado miúdo morrerá pela abundância de sangue e calor que reina nele. Denota este planeta enfermidades e mortes no sexo feminino, principalmente crianças; algumas mortes repentinas de algumas pessoas ilustres e notáveis (SILVA, 1972, s/p).

As previsões para o ano de 1974 mostram um período onde as calamidades das enchentes trariam grandes dificuldades para este período. Sobre esta questão, em uma edição do jornal Ação datada de 12 de janeiro, faz referência primeiras chuvas que caem com abundância no Cariri, trazendo alento para o agricultor e a esperança de uma boa safra para este período.

Enquanto isso, já existe plantações em abundância em toda a região, visando uma boa safra e confiando em um bom inverno neste ano. Já os chamados “Profetas da Chuva” acreditam que teremos uma boa estação invernososa. Por seu termo, o Governo do Estado está preparado para iniciar a operação de “chuvas artificiais” no momento em que achar necessário (AÇÃO, 1974, p. 1).

Como podemos perceber no relato do Jornal os profetas do tempo estavam atentos ao que os astros previam para este ano. Caboclo como profundo conhecedor da ciência astrológica, também nas suas previsões para este ano previu um período astral com um inverno muito rigoroso.

Caboclo diferenciava-se dos demais profetas populares das chuvas por ter outro dom especial, que era o conhecimento profundo das leituras astrológicas, como também da propulsão de sua veia poética que ele utilizava muito bem para vaticinar suas previsões astrais.

Para o ano de 1974, Caboclo e Silva (1977, p. 190 *Apud* BATISTA, 1977, 290) não só faz suas previsões de um inverno muito rigoroso, como também lança um folheto de cordel intitulado “As enchentes no Brasil no ano de setenta e quatro” falando sobre as enchentes que inundaram todo o território nacional. Manoel Caboclo em seu depoimento ao projeto de literatura de cordel revela que foram produzidos cerca de vinte milheiros de folhetos durante o período do inverno.

No folheto sobre as enchentes no Brasil no ano de 1974, Manoel Caboclo passa a relatar como um jornalista, os momentos de grande dificuldade e aflição que as inundações causaram nas várias regiões do Estado do Ceará e do Brasil. Segundo

Caboclo as chuvas foram torrenciais causando destruição e morte, desabrigando milhares de pessoas e trazendo fome e miséria para um povo tão sofrido.

Alerta todo Brasil
para ter informação
sobre os acontecimentos
que fez a inundação
destruiu muitas cidades
sítios e povoação.

Não falo o nome de todas
por não ter ocasião
somente no Ceará
perdeu muita habitação
são 29 cidades
sofrendo destruição.

As chuvas caíam fortes
quase em toda região
as cidades sufocadas
na grande inundação
as águas levando tudo
gente, casa e plantação.
Prejuízos incalculáveis
pra todo lado se vendo
123 açudes
as paredes derretendo
as águas arrombaram todos
rasgando a terra e descendo.

Estradas intransitáveis
na região do Estado
as rodagens destruídas
trilhos de ferro quebrados
e várias pontes caíram
feitas de cimento armado (CABLOCO, 19974, s/p).

O relato de Caboclo sobre a inundação das enchentes percorre todo o trajeto de destruição que as águas causaram em todas as cidades e regiões do Ceará e de outros Estados. Caboclo relata a dor e o sofrimento dos desabrigados pela perda das moradas e dos que foram tragados pelas correntezas da enchente.

No Iguatu é doloroso
o sofrer daquela gente
deixando suas moradas
pelo horror da enchente
jogadas pelas calçadas
tantas crianças inocentes.

Nas noites frias e escuras
o trovão estremecia
o povo pelas calçadas
dormindo na terra fria
outros mortos afogados
pela enchente descia.

As trombas d'água que vinham
eram de admirar
cadeira, cama e colchão
animais mortos passar
engalhados nos balseiros
por sobre as águas rolar.

O povo amedrontado
foi então se retirando
deixando casa e comida
as casas foram arriando
as águas tomando conta
cada vez mais aumentando.

Teve ruas que ficaram
nas águas submergidas
e outras desmornadas
a maior parte caídas
teve fabricas que ficaram
totalmente destruídas (*Idem*).

A destruição causada pela natureza foi devastadora nas cidades do interior do Ceará, que fez com que o governo decretasse estado de calamidade públicas em algumas regiões atingidas pelas grandes inundações.

Em Sobral e Aracati
A coisa lá não é boa
A água dentro das casas
seus moradores à toa
e o rio velho gemendo
levando tudo na proa.

Há também outra cidade
que quase se consumiu
a água entrou na igreja
e as paredes ruiu
lá foi a maior tristeza
quando a igreja caiu.

Outro caso admirável
que faz cortar o coração
é as serras desabando
sobre casas e plantação
deixando seus donos mortos
debaixo do frio chão.

São provas que a Escritura
sua palavra não erra
quando São Lucas falou
em flagelos, fome e guerra
disse ele: - “Sinal no céu
será castigo na terra”.

Vocês ainda estão lembrados
de um cometa que passou
durante o mês de dezembro
todo rádio anunciou
“Foi um aviso do céu

que Jesus mandou” (*Ibdem*).

As previsões de Caboclo para 74 passam a ser relatadas pela sua poesia com os detalhes de um observador atento aos noticiários da época sobre a destruição que as inundações causaram por onde passava. Sua poesia se torna a forma legal de cancelar suas previsões registrando e legitimando as mesmas pela própria ocorrência dos fatos sobre as enchentes que inundaram várias partes do Brasil.

Como poderemos perceber o relato das enchentes no ano de 74 é muito bem detalhado por Manoel Caboclo, que tem a preocupação de mostrar e comparar os fatos com o evento histórico. Para Caboclo, a análise científica sobre os astros é legitimada pela realização do fato histórico que passa a ser notícia pelos registros dos meios de comunicação, e que passa a ser cancelada dentro da produção de sua escrita poética como uma documentação histórica deste momento.

Considerações finais

A análise da produção do Almanaque Juízo do Ano produzido e publicado por Manoel Caboclo e Silva mostra que a produção de folhetos populares na cidade do Juazeiro do Norte não se encontrava unicamente na publicação de cordéis, mais que também dinamizava outro tipo de publicação. Os almanaques foram uma outra forma de atender a um mercado que passou a ser um grande filão que era os agricultores que passavam a ter mais informações sobre as questões climáticas e outras informações pertinentes ao cotidiano do homem do campo.

Referências

AÇÃO. *Falta de chuva vem preocupando o Cariri!*. **Ação**, Crato: Ano XXX, n. 1322, 21 de fevereiro de 1970a, p. 01.

AÇÃO. *Inverno tende a melhorar*. **Ação**, Crato: Ano XXX, n. 1323, 28 de fevereiro de 1970b, p. 01.

AÇÃO. *Flagelados tentam invadir a região*. **Ação**, Crato: Ano XXX, n. 1334, 23 de maio de 1970c, p. 04.

AÇÃO. *Inverno chegou na região do Cariri*. **Ação**, Ano XXXIV, n. 1450, 12 de janeiro de 1974, p. 01.

ARRANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARVALHO, Gilmar de. *Introdução*. In: SILVA, Manoel Caboclo e. **Manoel Caboclo**. São Paulo: Hedra, 2000, p. 34.

CARVALHO, Reinaldo Forte. **“Cordel, Almanques e Horoscópos”**: E(ru)dição dos folhetos populares em Juazeiro do Norte-CE (1940-1960). Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2008.

DEPOIMENTO DE MANOEL CABOCLO AO “*PROJETO LITERATURA DE CORDEL*”. Juazeiro do Norte - Ce, 1970. FK7000421. Museu da Imagem e do Som – MIS.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1994.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: UFC. 2003.

SILVA, Manoel Caboclo e. *As enchentes no Brasil no ano de setenta e quatro*. In: BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. Paraíba: Fundação José Augusto, 1977, p. 290.

_____. **Almanaque Juízo do Ano para o Nordeste**. Juazeiro do Norte: Casa dos Horóscopos, 1974.

Reinaldo Forte Carvalho

Professor Adjunto II – A na Universidade de Pernambuco – UPE (Campus Petrolina). Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará, mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará e doutorado em História na Universidade Federal de Pernambuco.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4435223781591585>

Artigo recebido em: 25 de agosto de 2021.

Artigo aprovado em: 16 de outubro de 2021.